UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇAO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS - INGLÊS

LOUISE GUERRA GOUVEIA

CRENÇAS DE PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE O ENSINO DA HABILIDADE DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA

Campina Grande - PB
2016

LOUISE GUERRA GOUVEIA

CRENÇAS DE PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE O ENSINO DA HABILIDADE DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, sob a orientação da Profª Ms Karyne Soares Duarte Silveira.

Campina Grande - PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G719c Gouveia, Louise Guerra
Crenças de professores de escolas públicas sobre o ensino da habilidade de leitura em língua inglesa [manuscrito] / Louise Guerra Gouveia. - 2016.
39 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Karyne Soares Duarte Silveira, Departamento de Letras e Artes".

1. Ensino de língua inglesa 2. Leitura 3. Prática pedagógica I. Título.

21. ed. CDD 372.6521

LOUISE GUERRA GOUVEIA

CRENÇAS DE PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS SOBRE O ENSINO DA HABILIDADE DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, sob a orientação da Profª Ms Karyne Soares Duarte Silveira.

Aprovada em 17 / 10 / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Karyne Soares Duarte Silveira

Profª Ma Karyne Soares Duarte Silveira - UEPB
(Orientadora)

Maria das Neves Soares

Profª Ma Maria das Neves Soares - UEPB
(1ª Examinadora)

Fernanda Maria Almeida Floriano

Profª Ma Fernanda Maria Almeida Floriano - IFPB
(2ª Examinadora)

9,5

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me abençoado, dando saúde e força para superar as dificuldades durantes todos esse anos.

À professora Karyne Soares Duarte Silveira, por ter aceitado ser minha orientadora, mesmo com tantas ocupações pessoais e profissionais; pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, incentivos e paciência. Louvo a Deus por sua vida.

Às professoras Maria das Neves Soares e Fernanda Maria Almeida Floriano, que tão gentilmente aceitaram meu convite para participarem como examinadoras do meu trabalho de conclusão de curso.

Aos meus pais, Alessandro e Lenilza, em especial à minha mãe, ao meu esposo Welciman pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

À minha filha Ana Luiza, que chegou para alegrar as nossas vidas e para ser mais um incentivo nesse avanço profissional.

E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, parentes, amigos, em especial a Tarcia, professores e colegas da universidade, o meu muito obrigado.

Grata!

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Perfil dos professores colaboradores.....19

Quadro 02 - Resumo das crenças dos professores colaboradores.....25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....10

1.1 O papel da leitura em língua inglesa.....10

1.2 Reflexões sobre processos teóricos e estratégias de leitura.....12

1.3 Crenças sobre o ensino de língua inglesa.....15

2. METODOLOGIA.....19

3. ANÁLISE DOS DADOS.....20

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....28

REFERÊNCIAS.....30

APÊNDICES.....32

ANEXO.....38

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral investigar a crença de professores de escolas públicas quanto ao ensino da habilidade de leitura em língua inglesa. Para isso, estabelecemos como objetivos específicos: (i) identificar as práticas pedagógicas mencionadas por quatro professores quanto ao ensino de leitura em língua inglesa; e (ii) verificar as dificuldades descritas por eles quanto ao ensino da referida habilidade. Nossa pesquisa trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa, cujo instrumento de produção de dados foi um questionário aplicado com os colaboradores de nosso estudo. Dentre os principais teóricos citados, fizemos uso das contribuições de: Moita Lopes (1996) e Paiva (2000, 2005), sobre o papel da leitura em língua inglesa; Paiva (2007) e Barros (2013), quanto às estratégias de leitura; e Barcelos (2004, 2006, 2007), dentre outros, em relação às crenças sobre ensino de língua inglesa e como estas influenciam nas práticas pedagógicas adotadas. Com base nos dados analisados, concluímos que as crenças dos professores colaboradores deste estudo demonstram o reconhecimento da habilidade de leitura em língua inglesa como determinante na construção do conhecimento da língua alvo, bem como o esforço empregado na promoção dessa habilidade com seus alunos. Todavia, os dados revelam, ainda, a preocupação dos professores quanto aos impedimentos que se apresentam no desenvolvimento dessa habilidade em sala de aula.

Palavras-chave: Crenças. Leitura. Língua Inglesa. Escola Pública.

INTRODUÇÃO

A língua inglesa é uma disciplina significativa na formação de um cidadão, sobretudo em se tratando de contextos de escolas públicas. Para muitos alunos a escola é a única oportunidade de contato efetivo com a língua, possibilitando a aquisição de novos conhecimentos linguísticos e culturais sobre a língua-alvo e seus respectivos povos e países.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio, doravante, (PCNs – BRASIL, 2000), o professor de língua inglesa tem o papel de educar o aluno para o mercado de trabalho, ou seja, criar condições para que o aluno faça uso adequado da língua-alvo, de modo a poder lidar com as mais variadas situações cotidianas. Neste sentido, o desenvolvimento da competência linguística torna-se indispensável, uma vez que dentro ou fora da escola, nos deparamos com textos orais ou escritos em língua inglesa em: *outdoor*, internet, jogos, televisão, filmes, lugares turísticos, dentre outros. Assim, reforçam os PCNs:

> Torna-se, pois, fundamental, conferir, ao ensino escolar de Línguas Estrangeiras um caráter que, além de capacitar o aluno a compreender e a produzir enunciados corretos no novo idioma, propicie ao aprendiz a possibilidade de atingir um nível de competência linguística capaz de permiti-lhe acesso a informações de vários tipos, ao mesmo tempo em que contribua para a sua formação geral enquanto cidadão (BRASIL, 2000, p. 26).

Assim, para que o aluno seja capaz de ter um bom nível na língua inglesa, é preciso que tenha estímulo para o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas, a saber: compreensão oral (escuta), produção oral (fala), compreensão escrita (leitura) e produção escrita (escrita). Todavia, assim como descrevem os PCNs (2000, p. 25), são várias as limitações relacionadas ao contexto do ensino de inglês nas escolas públicas brasileiras (grande número de alunos por sala, carga horária reduzida, dentre outras) e, por esta razão, entendemos que a habilidade que tem se mostrado mais viável de ser desenvolvida em sala de aula é a leitura.

Neste sentido, consideramos necessário investigar as crenças que os professores de língua inglesa têm sobre o ensino da leitura em sala de aula, considerando o fato de que essas crenças podem interferir significativamente nas práticas pedagógicas relacionadas ao desenvolvimento dessa habilidade. Além disso, acreditamos ainda haverem poucos estudos cujo enfoque seja especificamente as crenças de professores sobre a habilidade de leitura em língua inglesa.

Nossa motivação para pesquisar sobre este tema foi o fato de que durante a nossa experiência como aluna no ensino médio notamos a negligência por parte dos professores de língua inglesa quanto às contínuas instruções sobre o uso de estratégias ou métodos que facilitassem a resolução de questões de compreensão textual com mais rapidez e objetividade. Acreditamos que para que o aluno desenvolva sua habilidade de leitura na língua estrangeira, é preciso que o professor o oriente e o estimule continuamente.

Diante do exposto, estabelecemos como objetivo geral de nossa pesquisa investigar a crença de professores de escolas públicas quanto ao ensino da habilidade de leitura em língua inglesa. Para isso, estabelecemos como objetivos específicos: (i) identificar as práticas pedagógicas mencionadas por professores quanto ao ensino de leitura em língua inglesa; e (ii) verificar as dificuldades descritas por eles quanto ao ensino da referida habilidade.

O presente trabalho está organizado em quatro seções, a saber: fundamentação teórica, metodologia, análise de dados e considerações finais.

1.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A nossa fundamentação teórica está dividida em três subseções: (1.1) o papel da leitura em língua inglesa; (1.2) reflexões sobre processos teóricos e estratégias de leitura usadas em sala de aula; (1.3) e, por fim, as crenças sobre ensino de língua inglesa e como estas influenciam nas práticas pedagógicas adotadas.

1.1 O papel da leitura em língua inglesa

A habilidade de leitura além de ser necessária no dia a dia dos alunos, é fundamental na aprendizagem de todas as matérias escolares. É através dela que todos os outros conhecimentos são apresentados, estudados e avaliados. Dada a sua relevância prática, os professores precisam promover o seu desenvolvimento da melhor maneira possível dentro de sala de aula.

Para Moita Lopes (1996, p.131), "A leitura é a única habilidade que atende às necessidades educacionais e que o aprendiz pode usar em seu próprio meio". Essa afirmação nos permite entender que a habilidade da leitura tem o seu lugar garantido dentro e fora da sala de aula, dada a sua utilidade prática tanto no contexto escolar, quanto na vida cotidiana. Em se tratando de leitura em língua estrangeira, Moita Lopes (1996) afirma que favorece e muito o aprendizado na língua materna, uma vez que é através dessa habilidade que o conhecimento é construído também nas demais matérias escolares e na vida do aprendiz como um todo.

Paiva (2000) assegura um lugar especial da leitura em sala de aula ao esclarecer que essa habilidade é o princípio de exposição ao idioma com o meio em que vivemos, já que existe pouco contato com o nativo. A autora cita ainda que, de acordo com uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com alunos do curso de Letras, a leitura é a estratégia individual de aprendizagem mais usada por eles, por isso a

defesa dessa habilidade deve ser feita e bem instruída, por cada professor de línguas e bem recebida pelos alunos.

Os PCNs (2000, p. 26) também valorizam a habilidade da leitura em língua inglesa, considerando as limitações impostas na maioria das salas de aula das escolas públicas brasileiras. Esse contexto torna a leitura a habilidade usada pelos professores para trabalhar vocabulário, regras gramaticais e enunciados, tendo em vista, principalmente, os exames escritos que os alunos terão que realizar ao longo da vida acadêmica.

De acordo com Silva (2005, p. 27), "ler é identificar palavras e colocá-las juntas para conseguir textos significativos", ou seja, discernir palavras para construir o significado das frases para entender um texto. Por isso, é importante o compromisso na hora do ensino de leitura de forma que promova um processo gradativo, chamado processo cíclico, iniciando com o ciclo ótico, passando para o ciclo perceptual, que passa para ciclo gramatical e concluindo com o ciclo de significado. Para o autor, é possível o aluno progredir para outros ciclos na medida em que a leitura avança, ou seja, a cada nível de leitura que o aluno atinge, evoluem também os seus saberes, tendo sempre um novo vocabulário armazenado; quanto mais se envolve com a leitura, mais o nível de vocabulário, gramática e visão de mundo são alcançados pelo leitor.

Kato (2007, p. 107) refere-se à leitura como:

> um conjunto de habilidades que envolvem estratégias de vários tipos. Essas habilidades seriam: a) a de encontrar (fatias) significativas do texto; b) a de estabelecer relações de sentido e de referência entre certas parcelas do texto; c) a de estabelecer coerência entre as proposições do texto; d) a de avaliar a verossimilhança e a consistência das informações extraídas; e) a de inferir o significado e o efeito pretendido pelo autor do texto.

Outra referência sobre a leitura é citada por Paiva (2005, p.2):

> A atividade de leitura é um processo de construção de significados que envolve a habilidade de processar as informações registradas no papel ou em uma tela (processo ***bottom-up***) e o conhecimento de mundo que o leitor aciona para compreender um texto (processo ***top-down***).

No momento da leitura formamos definições envolvendo estratégias ensinadas ou feitas mentalmente de forma automática, pois a leitura não é somente transferência de significados para o leitor, mas também a formação de novas interpretações feitas pelo mesmo e é nessa hora que a ampliação de vocabulário é adquirida.

Coracini (2002) relata que no ambiente escolar é comum ver as práticas de leitura com finalidade de estudar a gramática ou de aplicar a tradução, com isso não há interação do aluno com o texto. Quanto à primeira finalidade mencionada pela autora, o objetivo pedagógico é fazer com que o aluno identifique estruturas gramaticais nos textos apresentados e não o seu significado, caracterizando, assim, práticas de leituras vazias e dissociadas do contexto do aluno. A segunda finalidade diz respeito ao foco na tradução, na qual o texto é apresentado pelo professor para que os alunos apenas identifiquem os significados das palavras na língua-alvo.

As práticas pedagógicas descritas não caracterizam, de fato, aulas de leitura, uma vez que abordam apenas um dos aspectos que constituem o processo de compreensão e interpretação de um texto em língua estrangeira, sem que haja o devido envolvimento do aluno com a leitura num processo interativo entre o aluno e o texto. Na contramão dessa concepção mais ampla de leitura, os professores ainda têm que lidar, em muitos contextos de ensino, com livros didáticos inadequados, cujos manuais também abordam a leitura de textos numa perspectiva reducionista focada na exploração de "questões de leitura" meramente estruturais, seja do ponto de vista gramatical ou lexical.

Com a realidade de uma sala de aula descrita por Coracini (*op. cit*.), entendemos que o professor também tem o seu papel no sucesso do desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa, sua função é promover uma aula descontraída com textos adequados e relevantes àquele contexto ou até indicações de temas dados pelos próprios alunos.

O professor precisa conscientizar os alunos que, mesmo com pouco conhecimento linguístico, é possível fazer uso de estratégias de leitura, como: identificar a ideia central dos textos, deduzir os significados das palavras pelo contexto, usar pistas que ajudem na compreensão, dentre outras. Além disso, o professor também pode realizar atividades de pré-leitura que favoreçam a ativação do conhecimento prévio dos alunos quanto ao tema a ser abordado, facilitando, assim, a compreensão textual.

A sociedade em que vivemos exige que desenvolvamos o conhecimento da língua inglesa, porém são poucas as chances de uso do inglês oral no nosso dia-a-dia. A leitura,

por sua vez, é uma habilidade usada no nosso lazer, trabalho e estudo, por isso, é necessário que o professor promova o desenvolvimento de estratégias de leitura em sala de aula, como abordamos a seguir.

1.2 Reflexões sobre processos teóricos e estratégias de leitura

Para auxiliar no desenvolvimento da habilidade de leitura podemos associá-la a dois processos teóricos que são detalhados por Paiva (2007), o *bottom-up* e o *top-down*. O primeiro processo é descrito como uma elaboração de significados que abrange a habilidade de processar as informações que se encontram no papel, sem empregar o conhecimento de mundo, tais como: vocabulário, prefixo e sufixos, organização textual etc. O segundo, por outro lado, caracteriza-se pela capacidade de acionar o conhecimento de mundo que o leitor já tem para entender o texto, citando o exemplo do uso de sufixos e prefixos, que contribuem para o leitor entender o significado da palavra encontrada no texto, representando assim um jogo de adivinhações em que o leitor usa o seu conhecimento de mundo para fazer palpites sobre o que vai se deparar no texto.

Dessa maneira, a leitura é comparada a uma construção de significados e não como uma mera forma de passar informação, sabendo que cada leitor dá diferentes significados ao mesmo texto. Neste sentido, Dell'Isola (2001, p. 34) afirma:

> A leitura consiste, pois, na interação entre o texto e o leitor. Assim pode-se afirmar que um texto não carrega por si só significado, visto que depende dos conhecimentos prévios do leitor e de sua experiência de vida, para que se atribua ao texto um dado significado. O texto não preexiste a sua leitura, e leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa: é no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constitui.

Sabemos que são várias as maneiras de promover o desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa, e uma forma eficaz é por meio da utilização de estratégias de leitura. Segundo Paiva (2007), as principais estratégias de leitura são: *scanning* - caracterizada pela leitura rápida do texto para localizar uma informação específica (por exemplo, ler uma bula de remédio para saber a posologia); *skimming* - leitura do texto com

foco na compreensão geral, por isso o leitor analisa o título, as ilustrações existentes, o nome do autor, entre outros elementos; e a leitura detalhada, na qual o leitor busca uma compreensão mais minuciosa do texto.

Acreditamos, assim como a autora, que é relevante que o aluno tenha conhecimento dessas estratégias para o seu próprio crescimento como leitor para poder se transformar em um leitor crítico. Paiva (*op. cit*.) cita, ainda, que existe uma série de outras estratégias de leitura a serem utilizadas, tais como: inferência, identificação da organização textual, conectivos, uso do dicionário, prática de anotações sobre o texto lido e formulação de perguntas.

Segundo Holden (2009 *apud* BARROS, 2013, p.132), "é importante mostrar aos alunos uma variedade de estratégias de leitura que irão ajudá-los a 'decifrar' as palavras, a apresentação, as ideias... enfim, a entender a mensagem do autor e reagir a ela de acordo com o seu ponto de vista e sua experiência pessoal." Assim, constatamos que a partir das estratégias, o professor envolve o aluno com o texto, sem precisar ser o mediador em todo tempo.

Ainda de acordo com Paiva (2007), o desenvolvimento da leitura em sala de aula pode ocorrer através da prática reflexiva do professor, através dos seguintes questionamentos: os textos usados em sala de aula estão ligados ao cotidiano dos alunos? O texto está sendo trabalhado só em voz alta? Qual é a finalidade da leitura em sala? Esses questionamentos podem promover uma escolha mais consciente e eficaz por parte do professor quanto às práticas a serem utilizadas em sala de aula.

Pimenta e Oliveira (1990, p.38) concordam com a utilização das estratégias de *scanning* e *skimming* citadas anteriormente e têm como conclusão a ideia de que "para reconstruir as ideias de um texto de maneira crítica, você pode fazê-lo a nível geral, [...] e também a nível de pontos principais, sem se preocupar com os detalhes.". Contudo, dependendo do tipo do texto e a sua finalidade, podemos adotar a terceira estratégia, que é a leitura detalhada. Promovendo o uso do dicionário com o foco de verificar o significado da palavra, após perceber em qual contexto o texto está relacionado.

Para Smith (1999), fazer a leitura diretamente procurando o significado é uma boa estratégia, outra é ler e fazer perguntas sobre o próprio significado, perguntas essas que são individuais, pois dependem do texto que está sendo lido e do objetivo da leitura. Segundo o autor (1999, p.109), "é incomum obter duas interpretações idênticas – 'leituras' idênticas- do mesmo romance ou poema".

Quanto à forma de ensinar a habilidade leitura nas salas de aula das escolas brasileiras, os PCNs (BRASIL, 1998, p.90) esclarecem:

> Um aspecto importante relacionado ao ensino da leitura é que ensinar a ler não envolve necessariamente fazer ler em voz alta. A leitura em voz alta abarca o conhecimento sobre a estrutura sonora da língua e pode atrasar o engajamento do aluno à construção social.

Neste sentido, entendemos que o referido documento legal reforça o fato de que o foco da leitura é ativar o conhecimento prévio do leitor, com vistas a sua utilização social, pois a leitura no nosso meio envolve vários tipos de situações e é na escola que devemos apreender a lidar com elas (leitura de gráficos, tabelas, placas etc), tanto na língua materna quanto na língua inglesa.

De acordo com Fonte Metrópole Digital (*apud* BARROS, 2013, p.133), existem outras estratégias com as quais o aluno pode beneficiar-se para a leitura de um texto em língua inglesa, são elas:

> **Prediction:** Nesta estratégia de leitura, o leitor faz uso de seu próprio conhecimento, através da sua experiência de vida (conhecimentos prévios). Esta técnica leva o leitor a prever, deduzir o conteúdo de um texto através de elementos tipográficos, títulos, subtítulos.
> **Palavras Cognatas:** Palavras de uma língua estrangeira que são parecidas na forma e no significado de palavras em português. As palavras cognatas podem ser divididas em duas categorias: idênticas- *camera, hospital* etc; e parecidas- *attention, automatic, banks* etc.
> **Falsos Cognatos:** Os falsos cognatos ou *false friends* são palavras que parecem significar uma coisa, mas significam outra totalmente diferente.
> **Recursos Tipográficos:** Os recursos tipográficos são recursos visuais utilizados nos textos para chamar a atenção do leitor, como números, **negrito** e *itálico*, símbolos, letras maiúsculas, títulos, subtítulos, imagens, tabelas, gráficos, etc.
> **Palavras Repetidas:** Quando algumas palavras se repetem várias vezes em um texto, geralmente são importantes para a compreensão. As palavras repetidas aparecem na forma de verbos, substantivos, adjetivos e nem sempre são cognatas.
> **Palavras-Chave:** Aquelas que estão associadas especificamente ao assunto do texto são as palavras-chave, podem aparecer repetidas e na forma de sinônimos.

Os processos teóricos e estratégias citados são recursos aplicáveis durante uma leitura que têm como finalidade facilitar a compreensão do texto em língua inglesa.

A seguir, tratamos da origem das crenças sobre o ensino de língua inglesa e de suas implicações para a prática docente.

1.3 Crenças sobre o ensino de língua inglesa

O estudo sobre crenças é bastante significativo, pois centra-se no modo como os professores constroem suas maneiras de ensinar. Segundo Barcelos (2007), as pesquisas em linguística aplicada acerca de crenças sobre aprendizagem de línguas tiveram início no exterior por volta dos anos 80 e aqui no Brasil nos anos 90. No Brasil merecem destaque os estudos de Leffa (1991), Almeida Filho (1993) e Barcelos (1995), que através de suas pesquisas mostraram a influência das crenças no processo de ensino-aprendizagem de línguas (BARCELOS, 2004).

Garbuio (2006, p.87) também trata da importância do estudo sobre crenças por acreditar que "suas contribuições são consideradas positivas e essenciais, pelo fato de poderem influenciar e, possivelmente, melhorar o processo de ensino/aprendizagem".

Cada autor define crenças de uma maneira. Alguns as direcionam para vida social ou individual, como descrevemos a seguir. No campo social, temos Barcelos (2006, p. 19 e 20) que afirma existirem novas ideias sobre a natureza das crenças na vida social. Para a autora, as crenças são:

> Dinâmicas - sendo a mudança de opinião sofrida dia a dia; emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente - é quando existe a interação e novas experiências ao mesmo tempo em que nos transformamos por causa delas; experienciais - a interação entre o sujeito e o ambiente; mediadas - se refere à crença como um instrumento usado ou não na situação em que estamos inseridos; paradoxais e contraditórias- é a crença facilitando ou bloqueando no ensino/aprendizagem; relacionadas à ação de uma maneira indireta e complexa- vê a crença não sendo responsabilizada por atitudes; não tão facilmente distintas do conhecimento- percebendo que as crenças não se distanciam do conhecimento, entre outros.

Esses aspectos descritos por Barcelos reforçam a ideia de que os professores constroem uma nova visão de ensino-aprendizagem a cada nova experiência em sala ou em

cada ambiente escolar em que trabalham. Observamos que, através das crenças, os professores podem refletir sobre suas formas de ensino, tendo como resultado aprimorá-las, contribuindo, por consequência, no processo de aprendizagem de seus alunos.

Silva (2005, p. 77), por sua vez, expõe que as crenças referem-se ao individual, como:

> Ideias ou conjuntos de ideias (...). As crenças na teoria de ensino e aprendizagem de línguas são estas ideias que tanto os alunos, professores e terceiros têm a respeito dos processos de ensino/aprendizagem de línguas e que se (re)constroem neles mediante as suas próprias experiências de vida e que se mantêm por um certo período de tempo.

Ainda no campo social, Barcelos (2004) relata que no final dos anos 90 o estudo sobre crenças focalizou também o valor do contexto, não se baseando em um conceito imóvel, como um local para a interação social, mas em um conceito ativo, formado socialmente e com interações. A autora (*op. cit*, p.132) diz que: "As crenças são parte das nossas experiências e estão inter-relacionadas com o meio em que vivemos", sendo assim não podemos julgar somente as crenças dos sujeitos envolvidos, mas também o contexto social no qual estão inseridos.

Paiva (1997) descreve uma pesquisa realizada com professores de ensino médio em reunião com a equipe de vestibular da UFMG em 1995. Segundo as respostas obtidas com os questionamentos feitos, os professores afirmaram que reconhecem o seu valor como professores de inglês, como aqueles que aproximam o aluno do idioma mais falado do mundo, que servirá de grande importância para a sua vida particular e profissional, mas por outro lado são pressionados por eles para serem aprovados.

Paiva (1997), fundamentada em uma pesquisa realizada por Bastos (1988), apresenta algumas crenças de professores de língua inglesa ainda recorrentes hoje em dia, tais como: "A escola secundária, especialmente a pública, não é competente para ensinar línguas estrangeiras", "O curso livre é o lugar para se aprender língua estrangeira","Língua estrangeira é importante apenas para alunos que irão para a universidade", "O material didático é o grande responsável pelo insucesso das aulas".

Paiva (*op. cit.*), entretanto, esclarece que, embora a crença geral seja de que a escola regular não tem competência para ensinar línguas estrangeiras, diferente da escola de idiomas, é preciso considerarmos que o ensino de boa ou má qualidade pode estar

presente em ambos os contextos, isto é, trata-se de uma crença que não pode ser assumida de forma passiva.

Barcelos (2004, p.14) esclarece que "as crenças podem atuar como lentes através das quais os alunos interpretam as novas informações recebidas durante sua formação". Ampliando o alcance dessas palavras para crenças sobre leitura, entendemos que o aluno pode ter benefícios ou prejuízos em seu aprendizado da língua alvo, a partir das crenças passadas em sala pelo seu professor por meio de práticas pedagógicas variadas.

Associando as crenças aos processos de teóricos de leitura, Kleiman (1997) afirma que, na abordagem psicolinguística o processo de leitura se caracteriza pelas vivências do leitor, carregadas de conhecimentos, conceitos, convicções e ações. Segundo a autora, três níveis de conhecimento baseados em informações anteriores, são necessários: conhecimentos linguístico, textual e de mundo, que devem ser ativados pelo professor antes da atividade de leitura (fase de pré-leitura).

Neste sentido, Borsatti (2015) também destaca a importância do conhecimento de mundo por parte do aluno para que possa ter uma compreensão mais ampla na realização de atividades de leitura em língua inglesa. Para a autora, dependendo da bagagem já adquirida no ensino-aprendizagem da língua alvo, o aluno aceita que a língua materna e a estrangeira sejam compatíveis quanto ao modo de interpretá-la, e isso pode favorecer significativamente sua prática de compreensão leitora.

Entendemos que as práticas descritas pelas autoras evidenciam a importância da busca por parte do professor de estratégias e atividades de leitura que valorizem o conhecimento prévio trazido pelo aluno para a sala de aula como forma de motivá-lo para a etapa da leitura em si (momento no qual responde questões de compreensão textual), bem como para uma fase de pós-leitura (momento no qual o aluno reflete sobre a temática apresentada no texto).

Acreditamos que essas práticas, por sua vez, podem modificar as crenças atualmente existentes (PAIVA, 1997) sobre o despreparo da escola regular, sobretudo a instituição pública, no tocante ao ensino-aprendizagem de leitura em língua inglesa, pois como afirma Silva (2005), as crenças podem ser reconstruídas a partir das próprias experiências vividas.

Descrevemos, a seguir, a metodologia adotada para a realização da presente pesquisa.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa, pois pretendemos compreender as crenças de um pequeno grupo de professores a respeito do ensino da habilidade de leitura em língua inglesa.

Segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 73), "a pesquisa qualitativa [é aquela que] explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente". No caso da nossa pesquisa, tivemos o objetivo de analisar o fenômeno sem ter a pretensão de colocá-lo em uma estatística, que é o que explora a pesquisa quantitativa.

Foram colaboradores de nossa pesquisa quatro professores de língua inglesa de escolas públicas de cidades localizadas no interior do estado da Paraíba. Ao longo deste trabalho os referidos professores são descritos como P1, P2, P3 e P4, por uma questão de ordem ética, conforme nos comprometemos através do Termo de Consentimento assinado por todos eles (vide anexo).

Descrevemos abaixo o perfil dos professores colaboradores de nosso estudo.

Quadro 01- Perfil dos professores colaboradores

PROFESSORES	ANO DE FORMAÇÃO	EXPERIÊNCIA DE ENSINO (tempo e contextos)
P1	2013	8 anos no ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA)
P2	2013	5 anos no ensino fundamental e médio
P3	2014	7 anos no ensino fundamental e médio
P4	2014	3 anos no ensino fundamental e médio

Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa

A coleta de dados foi realizada ao longo do mês de março de 2016 através da aplicação de um questionário (vide apêndice A) composto por perguntas voltadas à

identificação de informações sobre a formação acadêmica e profissional de cada professor, bem como sobre suas crenças quanto ao ensino de leitura em LI nas suas aulas.

Apresentamos, a seguir, a nossa análise referente aos dados coletados.

3. ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, analisamos os dados coletados através do questionário aplicado (vide apêndice A) a partir das quatro perguntas propostas como forma de alcançar o nosso objetivo geral de investigar a crença de professores de escolas públicas quanto ao ensino da habilidade de leitura em língua inglesa, por meio dos objetivos específicos, a saber: (i) identificar as práticas pedagógicas mencionadas por professores quanto ao ensino de leitura em língua inglesa; e (ii) verificar as dificuldades descritas por eles quanto ao ensino da referida habilidade.

No que se refere à primeira pergunta do nosso questionário, sobre as crenças dos professores quanto ao ensino da leitura em língua inglesa, eles mencionam que a leitura é uma habilidade que influencia positivamente as outras habilidades. Porém, os professores deixam claro também nas suas respostas a dificuldade de trabalhar com a referida habilidade em sala de aula, como observamos a seguir:

> O professor pode desenvolver outras habilidades, mas não pode esquecer que a leitura é o ponto principal. Porém, o ensino da leitura se torna muito complicado, pois existem vários impedimentos enfrentados pelo professor e ele recorre ao ensino da gramática, apenas. (Resposta de P1)

> Trabalhar a leitura em sala de aula é um dos grandes fatores positivos para auxiliar o aluno desenvolver a capacidade interpretativa, a habilidade de interagir com o texto e em consequência disso, interagir com a língua Inglesa. Acredito que o mínimo conhecimento da língua estrangeira que o aluno possua, se a leitura se tornar um hábito, tornar um fator que o aluno consiga entender que não se trata apenas de uma simples leitura, mas sim de um meio importantíssimo para que ele desenvolva melhor o seu nível de compreensão, então a leitura deixará de ser uma obrigação durante aulas e sim, a partir desse momento, será um dos principais momentos da interação aluno/professor/língua inglesa em sala de aula. (Resposta de P2)

> A sociedade em que o aluno vive e a cultura do mesmo influenciam na motivação do aprendizado d a língua inglesa. Os pais dos que reclamam da disciplina, têm filhos desmotivados e descompromissados com a língua inglesa, afirmando sempre que a língua inglesa é uma disciplina sem importância. Já os pais dos alunos que reconhecem a importância do ensino do língua inglesa,têm filhos com uma desenvoltura melhor em relação ao aprendizado da língua inglesa. (Resposta de P3)

> Tinha em mente que ensinar meus alunos a lerem em outra língua (inglês) seria mil maravilhas, até me deparar com a realidade de sala de aula na cidade que leciono. Eles não têm estímulo nenhum nos estudos, digo em todas as disciplinas, porém a mais preocupante é a língua inglesa, pois eles não QUEREM (enfático) fazer nada que corresponda ao aprendizado da língua, a não ser pra ganhar vistos. É decepcionante ver que isso se tornou realidade nas nossas escolas. (Resposta de P4)

Ao analisar as referidas respostas, conseguimos perceber que P1 e P2 acreditam que os alunos não avançam na aprendizagem da habilidade da leitura por haver impedimentos que resultam no ensino da língua voltado às questões puramente gramaticais. Nas palavras de Coracini (2002, p18), "[...] o texto é, na maioria das vezes, usado como pretexto para o estudo da gramática [...]".

P1 relata em sua resposta sobre crenças no ensino da leitura os PCNs, afirmando que de acordo com esse documento, o ensino da leitura é a base para desenvolver as outras habilidades durante a aula, sem esquecer-se de mencionar as dificuldades do uso dessa habilidade em sala.

P2, por sua vez, constata a não existência do hábito da leitura por parte do aluno e que por isso não seria possível haver uma interação entre aluno/professor/texto. Esse aspecto também é reforçado por Coracini (*op. cit.,* p.*19*) ao afirmar que: "raramente, se observa, na prática de sala, a concepção de leitura enquanto processo interativo (leitor-texto-, leitor-autor)".

P3 e P4 enfatizam que a vida social dos alunos não desperta o interesse quanto à aprendizagem da língua inglesa em nenhuma de suas habilidades. Possivelmente, os referidos professores também possuem a crença de que não se aprende língua inglesa na escola pública (PAIVA, 1997), o que pode interferir na motivação dos alunos.

Todavia, segundo Silva (2005), essas crenças podem ser reconstruídas a partir das próprias experiências vividas, ou seja, se o aluno chega em sala de aula com essa ideia limitada sobre a leitura ou sobre a língua como um todo, cabe o professor (re)significá-la,

mostrando sua importância e os aprendizados possíveis por meio da prática dessa habilidade.

Ao responderem a questão seguinte, descrevendo como promovem o desenvolvimento da habilidade de leitura em LI em suas aulas, é possível perceber que cada um tem uma resposta voltada para um aspecto diferente do uso da leitura em sala. Vejamos:

> Trabalho com leitura em grupo e leitura individual, assim como também a realização de testes orais em grupo. Nestes testes os alunos são divididos em grupos e cada um faz a leitura, em voz alta, de um determinado texto. (Resposta de P1)
>
> Através de textos verbais e não verbais. Textos não verbais são os mais importantes para o desenvolvimento da habilidade de leitura do aluno, devido a gama interpretativa que podem mostrar. Uma vez que o texto não verbal é bem trabalhado, analisado em sala de aula, o texto verbal passa a ser interpretado com maior clareza fazendo que a aula seja melhor aproveitada. (Resposta de P2)
>
> Discussões prévias sobre as temáticas dos textos ajudam a despertar o interesse de leitura. (Resposta de P3)
>
> Apesar da desmotivação dos alunos sempre tento inserir a prática da repetição em sala (professor fala, aluno repete) não em textos, sempre em vocabulários e uso de ditados. (Resposta de P4)

P2 afirma que trabalha com textos verbais e não verbais utilizando as estratégias acima citadas por Paiva (2007), que são: *scanning* e *skimmig*, porém aponta que para a evolução da habilidade de leitura, os textos não verbais são os escolhidos.

Verificamos que P3 ativa o conhecimento prévio dos alunos por meio de discussões introdutórias, como forma de motivá-los para a leitura do texto. Para Kato (2007), essa prática favorece o desenvolvimento da leitura ascendente que consiste em envolver várias estratégias para construir o significado.

P1 e P4, por outro lado, fazem o uso da leitura do texto e das palavras do vocabulário em voz alta, prática esta mencionada por Paiva (2007) como uma forma eficaz de verificação de pronúncia ou oportunidade de maior envolvimento dos alunos na aula.

Sobre o terceiro questionamento, em relação às estratégias de leitura mais eficazes na promoção da aprendizagem de LI em suas aulas, os nossos colaboradores responderam:

> É perceptível que quando utilizo textos que refletem a realidade do aluno, as aulas se tornam mais proveitosas e eles mais participativos. O debate em grupo é muito enriquecedor[...]. (Resposta de P1)
>
> Para os textos não verbais, uma única estratégia pode ser suficiente para que haja uma compreensão do aluno sobre o texto. A estratégia é o Scanning. O aluno analisa as informações essenciais do texto, procura de forma simples e rápida do que o texto refere e consegue debater sobre o mesmo apenas através dessa leitura interpretativa rápida. Para um texto verbal é importante que seja utilizado duas estratégias: o Scanning e o Skimming. Uma seguida da outra para assim o aluno poder primeiramente explorar de forma abrangente do que o texto se trata e em seguida, poder explorar com mais detalhe a essência do texto. (Resposta de P2)
>
> Conhecimento prévio do aluno, palavras conhecidas, cognatos, estruturas gramaticais e palavras desconhecidas. (Resposta de P3)
>
> A repetição de palavras usadas em vocabulários. (Resposta de P4)

Verificamos que P1 reconhece a utilização de textos mais significativos para os alunos como momentos que favorecem a participação e a interação nas aulas de leitura. Neste sentido, Paiva (2007) esclarece que a escolha do texto deve ter como um dos critérios a realidade de seus alunos.

P2 e P3 mencionam a utilização de estratégias de leitura como *skimming* e *scanning*, conforme descrito por Paiva (2007) e Pimenta e Oliveira (1990). Ao trabalhar com essas estratégias, o professor pode explorar a ideia central do texto, além de informações específicas. Tais estratégias possibilitam não só uma boa preparação para realização de exames em geral, bem como para outras demandas de leitura cotidianas que podem ser vividas pelos alunos.

P4, por sua vez, deteve-se à repetição de palavras, como única estratégia de leitura utilizada, ou seja, reutilizando as palavras do vocabulário para explicar melhor o texto aos alunos, acredito que sejam palavras que possam ajudar na compreensão do texto, para que não precise traduzi-lo por completo. Aqui, verificamos que, infelizmente é notória a falta de engajamento por parte do professor em trabalhar de outras formas, o que pode estar relacionado à desmotivação dos alunos, citado por ele na resposta da questão anterior.

Quanto a essa questão, Paiva (2007, p. 130) discorda quando o professor somente utiliza esse tipo de procedimento em sala, que é a repetição, pois afirma ser ineficaz, já que

a leitura em sala deve ser com textos prazerosos para dar ânimo aos alunos e assim verificar pontos abrangentes e específicos no texto.

A última pergunta do questionário foi destinada à identificação das principais dificuldades enfrentadas quanto ao ensino de leitura em língua inglesa e o que fazem para superá-las. As respostas dos nossos colaboradores foram unânimes quanto à desmotivação dos alunos em geral, apesar de terem citado também outros obstáculos, como podemos verificar a seguir:

> O tempo reduzido das aulas; o desinteresse do alunado; o material didático descontextualizado e a pouca atenção dada à disciplina, tanto pela escola como pela família do aluno. Eu tento contornar estas situações, na medida do possível, preparando aulas diversificadas, com um conteúdo atrativo para o aluno se sentir motivado a aprender o idioma. (Resposta de P1)

> Uma grande dificuldade é o obstáculo que o aluno põe quando se depara com qualquer coisa relacionada à língua inglesa. [...]. Cabe ao professor tentar quebrar esse bloqueio e mostrar ao aluno que textos em Inglês (verbais ou não verbais) são para facilitar a compreensão, para melhorar a capacidade interpretativa, para fazer refletir sobre determinado tipo de situação de acordo com o que cada texto estudado mostrar. Não é costume da nossa cultura aderir à leitura como um hábito corriqueiro, principalmente quando a leitura é em uma língua estrangeira, mas quando se existe um compromisso, um propósito do professor e o aluno consegue enxergar isso no professor, o interesse começa a surgir, por pouco que seja e é nesse ponto que o professor deve explorar para que, esse interesse cresça cada vez mais e as barreiras que os alunos possuem quanto a aprender uma língua estrangeira, aos poucos vão sendo quebradas. (Resposta de P2)

> A maior dificuldade é falta de interesse do aluno, isso causa desmotivação no aluno e futuramente uma desmotivação do professor. Mostro a importância de aprendizado de uma língua inglesa e procuro levar atividades variadas para que o aluno desperte o interesse em aprender. (Resposta de P3)

> A falta de estímulo dos alunos em relação ao aprendizado. Sempre tento motivá-los, mostrando a eles que eles são capazes de aprenderem outra língua se eles se permitirem acreditar neles também. (Resposta de P4)

A resposta do P1 descreve com detalhes o ambiente em sala de aula, em especial de língua inglesa, sendo de conhecimento dos PCNs como horários resumidos, desmotivação dos alunos, material descontextualizado, pouca valorização da matéria por parte dos

alunos, da família e pelo corpo docente. Mesmo com essas dificuldades, P1 cria situações favoráveis à aprendizagem da língua, ele se compromete em fazer o seu papel de mediador entre o ensino e aluno, em conformidade com o que preceituam os PCNs (BRASIL, 1998, p.27): "Em suma: é preciso, agora, não mais adequar o aluno às características da escola, mas sim, a escola às necessidades da comunidade."

P2 trata da visão limitada e receosa de vários alunos no que diz respeito ao aprendizado da língua inglesa, indica alternativas para motivar os alunos e evidencia em seu discurso a importância que atribui à leitura, mesmo sabendo que a língua estrangeira não faz parte da realidade de uso de muitos deles, como professor, traz para si o dever de ser o exemplo de leitor. Essa prática está em sintonia com a afirmação de Barcelos (2006) sobre o professor ser o agente que constrói uma nova visão de ensino-aprendizagem a cada nova experiência vivida em sala.

As respostas do P3 e P4 são similares no que se refere a um problema encontrado nesta disciplina, que é o desinteresse do alunado, ocasionando, como consequência o mesmo sentimento no professor. Ambos os professores, porém, afirmam que apesar dessa realidade, tentam mostrar aos seus alunos a importância da prática da leitura e do aprendizado da língua alvo. Coracini (2002) reconhece o papel motivador e influenciador que o professor tem em sala, somando o interesse em ver seu aluno se desenvolvendo por meio de aulas prazerosas, com boas escolhas de textos e ensinando estratégias eficazes. Acreditamos que assim é provável modificar a crença de que só em escolas de idiomas os alunos conseguem evoluir no aprendizado da língua estrangeira.

Diante de exposto, foi possível traçar o seguinte quadro-resumo sobre as crenças dos professores colaboradores de nosso estudo sobre o ensino de leitura em língua inglesa nas escolas públicas nas quais trabalham:

Quadro 02 - Resumo das crenças dos professores colaboradores

PROFESSORES COLABORADORES	RESUMO DAS CRENÇAS
P1	Acredita que a habilidade da leitura em língua inglesa é **importante** ("*O professor pode desenvolver outras habilidades, mas não pode esquecer que a leitura é o ponto principal*"), porém de acordo com as **restrições** encaradas pelo professor; o mesmo é **obrigado a recorrer** a outros tipos de atividades para desenvolver a aula.

P2	Considera que a habilidade de leitura em língua inglesa é um **meio valioso** para que o aluno se aproxime da língua inglesa, fazendo com que se torne apto para interpretar textos e interagir com o texto ("*Trabalhar a leitura em sala de aula é um dos grandes fatores positivos para auxiliar o aluno desenvolver a capacidade interpretativa, a habilidade de interagir com o texto e em consequência disso, interagir com a língua inglesa*").
P3	Acredita que **o meio** em que o aluno vive o **constrói** ("*A sociedade em que o aluno vive e a cultura do mesmo influenciam na motivação do aprendizado da língua inglesa*"). O tipo de **(des)motivação** existente, determinará a **atenção dada** à disciplina na sala de aula.
P4	Acredita que a **realidade de sala de aula desmotiva** o ensino da língua inglesa ("*eles não têm estimulo nenhum nos estudos, digo em todas as disciplinas, porém a mais preocupante é a língua inglesa, pois eles não querem fazer nada que corresponda ao aprendizado da língua"*). Nota que os **alunos não se interessam** pela matéria, mas em atividades que lhe garantam um visto.

Fonte: elaborado pela autora desta pesquisa

Com base nos dados analisados, entendemos que as crenças dos professores colaboradores desta pesquisa apontam que os obstáculos no aprendizado da língua inglesa na escola, em especial no que se refere à habilidade de leitura são: a realidade de sala de aula (horários reduzidos e materiais descontextualizados) e a falta de interesse por parte dos alunos. Entretanto, percebemos, através de suas respostas, que os professores se dispõem a lecionar da melhor maneira possível (talvez em razão da formação acadêmica que tiveram), procurando conquistar a atenção dos alunos a cada aula por acreditarem na importância desse aprendizado para suas vidas.

Verificamos ainda, a partir da análise dos dados, que o tempo de ensino parece ser uma variável que interfere, de certa forma, nas crenças apresentadas pelos professores colaboradores deste estudo quanto ao seu papel em sala de aula

P1 com 8 anos de ensino, sendo o mais experiente da pesquisa, tem interesse no avanço dos seus alunos, mesmo deparando-se com as dificuldades em sala. Ao usar em suas aulas assuntos atrativos e abordar os assuntos de forma dinâmica, mostra que mesmo sendo professor de EJA ou ensino médio em escolas públicas mantém vivo o amor à língua

inglesa, repassando seus conhecimentos linguísticos para seus alunos. Acreditamos que quando um professor tem uma boa experiência de ensino, pode ter uma maior confiança quanto às suas práticas em sala de aula, facilitando, assim, as escolhas dos temas e abordagens, bem como a superação de desafios.

P2, com 5 anos de experiência de ensino, continua dando valor à matéria que ensina, e, assim como P1, também procura dinamizar as aulas, trazendo para si a responsabilidade de tirar os possíveis bloqueios que os alunos possam ter quanto à língua inglesa, reconhecendo que deve estar sempre preparado para enfrentar as dificuldades, por ser o mediador entre a língua e o aluno.

P3, com 7 anos de experiência do ensino fundamental ao médio, faz transparecer em sua resposta que não toma para si toda a responsabilidade do aluno aprender ou não, já que existe uma grande dificuldade em apresentar uma nova língua pela falta de engajamento dos alunos, que consideram inglês desnecessário, pelo fato de que provavelmente não irão utilizá-la no futuro. Contudo, P3 acredita na utilidade da língua inglesa na vida de um indivíduo e por isso faz uso de atividades variadas de leitura em sala de aula como forma de despertar o interesse dos alunos quanto à língua alvo.

P4, com 3 anos de experiência de ensino, é o professor que mais demonstra frustração com a desmotivação dos alunos. Talvez por ter uma expectativa muito alta sobre a realidade da sala de aula, bem como pelo pouco tempo de ensino, P4 ainda não saiba muito bem como lidar com essas questões. De qualquer forma, o professor afirma tentar motivar seus alunos, promovendo a autoconfiança dos alunos e mostrando que são capazes de aprender a língua inglesa.

A seguir, apresentamos nossas considerações finais sobre este estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo geral de investigar as crenças de professores de língua inglesa de ensino médio sobre leitura, bem como os seguintes objetivos específicos: (i) identificar as práticas pedagógicas mencionadas por professores quanto ao ensino de leitura em língua inglesa; e (ii) verificar as dificuldades descritas por eles quanto ao ensino da referida habilidade.

Quanto ao primeiro objetivo específico, sobre as práticas pedagógicas utilizadas para favorecer o ensino da leitura em LI, constatamos que os professores colaboradores procuram desenvolver a leitura por meio de práticas eficazes como: selecionando textos de interesse dos alunos, ativando o conhecimento prévio sobre os textos a serem lidos, usando estratégias de leitura como *scanning* e *skimming* e motivando-os para que ocorra a interação aluno/professor/texto.

Por outro lado, observamos também, por meio das respostas ao questionário, que em razão dos desafios enfrentados, alguns professores concentram suas aulas no ensino de assuntos gramaticais ou em listas de vocabulário, o que por si só não promove a prática da leitura na língua alvo. Acreditamos que é preciso um ato contínuo por parte do professor de aplicar e estimular o desenvolvimento de estratégias de leitura com interesse no avanço do seu alunado, sem focalizar nas dificuldades vividas em sala, porém usando o meio em que o aluno vive para apresentar a língua de uma maneira que o incentive a dar prosseguimento ao uso da língua fora da aula.

Quanto ao segundo objetivo específico, em relação às dificuldades para o ensino de leitura, identificamos que os professores apresentam uma lista de entraves para o desenvolvimento da leitura em sala de aula, tais como: falta de interesse dos alunos, tempo de aula reduzido, material didático descontextualizado, falta de compromisso por parte da família, além dos outros professores de outras matérias que menosprezam a disciplina, sugerindo aos alunos que se engajem em matérias "mais importantes" (como química, matemática ou física), obstáculos esses também reconhecidos pelos PCNs (BRASIL, 1998).

Com base nas informações coletadas na pesquisa, verificamos que os professores acreditam que o ensino da habilidade de leitura de língua inglesa é o foco dessa disciplina e que também reconhecem que essa habilidade ajuda o aluno a melhorar sua capacidade de

interpretação textual e na vida particular, pois mesmo que não vivamos em uma cultura que valoriza a leitura, o professor de inglês pode ser o mediador ao mundo de novas informações que é o texto.

Considerando as contribuições da presente pesquisa sobre a relevância de reflexões sobre a prática em aula da habilidade da leitura, sugerimos que professores, em seus mais variados contextos, sobretudo de formação docente, utilizem seus conhecimentos teórico-práticos sobre a habilidade de leitura em aulas de língua inglesa com seus alunos (professores em formação), bem como reflitam sobre as crenças existentes, suas origens e o poder que elas desempenham nas nossas escolhas pedagógicas.

Entendemos tratar-se o nosso estudo de uma investigação ainda inicial sobre a temática das crenças, porém necessária para que possamos compreender melhor as práticas pedagógicas subjacentes às formas de ensinar. Esperamos que essa pesquisa contribua na promoção de reflexões mais consistentes e até mesmo mudanças que visem a favorecer o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras no nosso país.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the beliefs of public school teachers about the teaching of reading skills in English. For this, we have established as specific objectives: (i) to identify pedagogical practices mentioned by four teachers about the teaching of reading in English; and (ii) to check the difficulties faced by them in the teaching of that ability. Our research is a qualitative case study, whose data production tool was a questionnaire with the collaborators of our research. Among the main theorists mentioned, we used the contributions of: Moita Lopes (1996) and Paiva (2000, 2005), on the role of reading in English; Paiva (2007) and Barros (2013), for the reading strategies; and Barcelos (2004, 2006, 2007), among others, in relation to beliefs about English language teaching and how they influence the pedagogical practices used. Based on the evidence, we conclude that the beliefs of the collaborator teachers of this study demonstrate the recognition of reading skills in English as a determinant factor in the construction of knowledge in the target language, as well as the effort made in promoting this skill to their students. However, the data also reveal teachers concerns on the impediments that arise in the development of this skill in the classroom.

Keywords: Beliefs. Reading. English language. Public school.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (orgs.). **Crenças e Ensino de Línguas -** Foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas/SP: Pontes Editores, 2006.

_____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. In: **Linguagem & Ensino**, v.7, n.1, p. 123-156, Pelotas: Universidade Federal de Viçosa, 2004.

_____. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.7, n.2, 2007.

BARROS, Rita de Cássia**.** Yes, we can… read: Ferramentas para Leitura em Língua Inglesa. In.: NORTE, Mariangela Braga (Coord.). **Desafios para Docência em Língua Inglesa:** Teoria e Pratica. São Paulo, SP, Cultura Acadêmica Editora, 2013.

BORSATTI, Débora Ache. **Leitura, identidade e crenças no aprendizado de língua inglesa:** Um estudo de comparativo ente estudantes brasileiros e portugueses. Programa de Pós-Graduação em Letras-Mestrado (área de concentração em Leitura e Cognição). Universidade de Santa Cruz do Sul, RS, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais - terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:** Língua Estrangeira. MEC: Brasília, 1998.

_____. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Ensino Médio.** Língua Estrangeira. Brasília: MEC, 2000.

CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. Leitura: Decodificação, processo discursivo...? **In:** CORACINI, Maria Jose (orgs). **O jogo discursivo na aula de leitura.** 2º edição Campinas, SP: Pontes, 2002.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Leitura:** inferências e o contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

GARBUIO, Luciene Maria. Crenças sobre a língua que ensino: foco na competência implícita do professor de língua estrangeira. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira;

ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (orgs.). **Crenças e Ensino de Línguas -** Foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas/SP: Pontes Editores, 2006.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura.** 6º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 5. ed. São Paulo: Pontes, 1997.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada:** a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2ºed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. **Desenvolvendo a habilidade de leitura**, 2º ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

_____. Desenvolvendo a habilidade de leitura. In: _____ (org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de Inglês com foco na autonomia.** Belo Horizonte. UFMG, 2005, p. 2. Disponível em: <http://veramenezes.com/leitura2.htm>. Acesso em: 30.ago. 16.

_____. O lugar da leitura na aula de língua estrangeira. **Vertentes**. N.16-julho/dezembro 2000, p.24-29.

_____. **A identidade do professor de inglês.** APLIEMGE/FAPEMIG: Ensino e Pesquisa. Uberlândia 1, 1997, p. 9-7.

PIMENTA, Sonia de Oliveira; OLIVEIRA, Nadia Alves de. **O domínio da leitura em inglês:** a reconstrução crítica de textos. Série Manager. Belo Horizonte, MG, 1990.

SILVA, Kleber Aparecido da. **Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (Inglês).** 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP : [s.n.], 2005.

SMITH, Frank. **Leitura Significativa**. 3ºed. Porto Alegre: Editora artes médicas sul LTDA, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de Questionário

Prezado(a) professor(a),

Gostaria de poder contar com a sua colaboração respondendo ao questionário abaixo referente à pesquisa intitulada "Crenças de professores de inglês de escolas públicas sobre o ensino da habilidade de leitura", para fins de cumprimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Louise Guerra Gouveia (aluna do curso de Letras-Inglês)

Informações acadêmicas e profissionais

Formação Acadêmica (curso e ano de conclusão):
_____
Tempo de serviço: _____
Séries em que leciona/lecionou: _____

QUESTIONÁRIO

01)Quais suas crenças sobre o ensino de leitura em língua inglesa?

02)De que forma você promove o desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa em suas salas de aula?

03)Quais estratégias de leitura têm se mostrado mais eficazes na promoção da aprendizagem de língua inglesa em suas aulas?

04)Quais as principais dificuldades enfrentadas quanto ao ensino de leitura em língua inglesa? O que você faz para superá-las?

APÊNDICE B – Questionário P1

Informações acadêmicas e profissionais

Formação Acadêmica (curso e ano de conclusão): Licenciatura em Letras-Inglês – UEPB (2013)
Tempo de serviço: 8 Anos
Séries em que leciona/lecionou: Lecionei no ensino fundamental 1 (anos iniciai) e ensino médio e atualmente fundamental 2 (anos finais) e educação de jovens e adultos

QUESTIONÁRIO

01)**Quais suas crenças sobre o ensino de leitura em língua inglesa?**

Segundo os PCNS, a leitura é o objetivo principal na sala de aula. O professor pode desenvolver outras habilidades mas não pode esquecer que a leitura é o ponto principal. Porém, o ensino da leitura se torna muito complicado, pois existem vários impedimentos enfrentados pelo professor e ele recorre ao ensino da gramática, apenas.

02)De que forma você promove o desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa em suas salas de aula?

Trabalho com leitura em grupo e leitura individual, assim como também a realização de testes orais em grupo. Nestes testes os alunos são divididos em grupos e cada um faz a leitura, em voz alta, de um determinado texto.

03)Quais estratégias de leitura têm se mostrado mais eficazes na promoção da aprendizagem de língua inglesa em suas aulas?

É perceptível que quando utilizo textos que refletem a realidade do aluno, as aulas se tornam mais proveitosas e eles mais participativos. O debate em grupo é muito enriquecedor, além de exercícios de SPEAKING, em grupos pequenos ou individualmente.

04)Quais as principais dificuldades enfrentadas quanto ao ensino de leitura em língua inglesa? O que você faz para superá-las?

O tempo reduzido das aulas; o desinteresse do alunado; o material didático descontextualizado e a pouca atenção dada à disciplina, tanto pela escola como pela família do aluno. Eu tento contornar estas situações, na medida do possível, preparando aulas diversificadas, com um conteúdo atrativo para o aluno se sentir motivado a aprender o idioma.

APÊNDICE C – Questionário P2

Informações acadêmicas e profissionais

Formação Acadêmica (curso e ano de conclusão): Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Inglesa. Graduação concluída em 2013.
Tempo de serviço: 2012 até o presente momento.
Séries em que leciona/lecionou: 3ª série do ensino fundamental até 2ª série do ensino médio.

QUESTIONÁRIO

01)Quais suas crenças sobre o ensino de leitura em língua inglesa?
Trabalhar a leitura em sala de aula é um dos grandes fatores positivos para auxiliar o aluno a desenvolver a capacidade interpretativa, a habilidade de interagir com o texto e em consequência disso, interagir com a língua Inglesa. Acredito que o mínimo conhecimento da língua estrangeira que o aluno possua, se a leitura se tornar um hábito, tornar um fator que o aluno consiga entender que não se trata apenas de uma simples leitura, mas sim de um meio importantíssimo para que ele desenvolva melhor o seu nível de compreensão, então a leitura deixará de ser uma obrigação durante aulas e sim, a partir desse momento, será um dos principais momentos da interação aluno/professor/língua Inglesa em sala de aula.
02)De que forma você promove o desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa em suas salas de aula?
Através de textos verbais e não verbais. Textos não verbais são os mais importantes para o desenvolvimento da habilidade de leitura do aluno, devido à gama interpretativa que podem mostrar. Uma vez que o texto não verbal é bem trabalhado, analisado em sala de aula, o texto verbal passa a ser interpretado com maior clareza fazendo que a aula seja melhor aproveitada.
03)Quais estratégias de leitura têm se mostrado mais eficazes na promoção da aprendizagem de língua inglesa em suas aulas?
Para os textos não verbais, uma única estratégia pode ser suficiente para que haja uma compreensão do aluno sobre o texto. A estratégia é o Scanning. O aluno analisa as informações essenciais do texto, procura de forma simples e rápida do que o texto refere e consegue debater sobre o mesmo apenas através dessa leitura interpretativa rápida. Para um texto verbal é importante que seja utilizado duas estratégias: o Scanning e o Skimming. Uma seguida da outra para assim o aluno poder primeiramente explorar de forma abrangente do que o texto se trata e em seguida, poder explorar com mais detalhe a essência do texto. Lembrando que essas estratégias sempre orientadas pelo professor.
04)Quais as principais dificuldades enfrentadas quanto ao ensino de leitura em língua inglesa? O que você faz para superá-las?
Uma grande dificuldade é o obstáculo que o aluno põe quando se depara com qualquer coisa relacionada à língua Inglesa. Sempre existe um certo tipo de bloqueio imediato que faz com que haja desinteresse pela língua. Cabe ao professor tentar quebrar esse bloqueio e mostrar ao aluno que textos em Inglês (verbais ou não verbais) são para facilitar a compreensão, para melhorar a capacidade interpretativa, para fazer refletir sobre determinado tipo de situação de acordo com o que cada texto estudado mostrar. Não é costume da nossa cultura aderir à leitura como um hábito corriqueiro, principalmente quando a leitura é em uma língua estrangeira, mas quando se existe um compromisso, um propósito do professor e o aluno consegue enxergar isso no professor, o interesse começa a surgir, por pouco que seja e é nesse ponto que o professor deve explorar para que, esse interesse cresça cada vez mais e as barreiras que os alunos possuem quanto a aprender uma língua estrangeira, aos poucos vão sendo quebradas.

APÊNDICE D – Questionário P3

Informações acadêmicas e profissionais

Formação Acadêmica (curso e ano de conclusão): Letras-habilitação: Língua Inglesa-2014
Tempo de serviço: 7 anos
Séries em que leciona/lecionou: Fundamental II(6º ao 9º ano), Ensino Médio(1º, 2º,3º).

QUESTIONÁRIO

01)Quais suas crenças sobre o ensino de leitura em língua inglesa?

A sociedade em que o aluno vive e a cultura do mesmo influencia na motivação do aprendizado da língua inglesa. Os pais dos que reclamam da disciplina, têm filhos desmotivados e descompromissados com a língua inglesa, afirmando sempre que a língua inglesa é uma disciplina sem importância. Já os pais dos alunos que reconhecem a importância do ensino do língua inglesa têm filhos com uma desenvoltura melhor em relação ao aprendizado da língua inglesa.

02)De que forma você promove o desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa em suas salas de aula?

Discussões prévias sobre as temáticas dos textos ajudam a despertar o interesse de leitura.

03)Quais estratégias de leitura têm se mostrado mais eficazes na promoção da aprendizagem de língua inglesa em suas aulas?

Conhecimento prévio do aluno, palavras conhecidas, cognatos, estruturas gramaticais e palavras desconhecidas

04)Quais as principais dificuldades enfrentadas quanto ao ensino de leitura em língua inglesa? O que você faz para superá-las?

A maior dificuldade é falta de interesse do aluno, isso causa desmotivação no aluno e futuramente uma desmotivação do professor. Mostro a importância de aprendizado de uma língua inglesa e procuro levar atividades variadas para que o aluno desperte o interesse em aprender.

APÊNDICE E – Questionário P4

Informações acadêmicas e profissionais

Formação Acadêmica (curso e ano de conclusão): Graduação em Letras (Inglês) 2014
Tempo de serviço: 3 anos
Séries em que leciona/lecionou: 6º a 9° ano e Ensino Médio

QUESTIONÁRIO

01)Quais suas crenças sobre o ensino de leitura em língua inglesa?

Ainda na graduação eu tinha em mente que ensinar meus alunos a lerem em outra língua (inglês), seria mil maravilhas, até me deparar com a realidade de sala de aula na cidade que leciono. Eles não têm estimulo nenhum nos estudos, digo em todas as disciplinas, porém a mais preocupante é a língua inglesa, pois eles não querem (enfático) fazer nada que corresponda ao aprendizado da língua, a não ser pra ganhar vistos. É decepcionante ver que isso se tornou realidade nas nossas escolas.

02)De que forma você promove o desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa em suas salas de aula?

Apesar da desmotivação dos alunos sempre tento inserir a pratica da repetição em sala (professor fala, aluno repete) não em textos, sempre em vocabulários e uso de ditados.

03)Quais estratégias de leitura têm se mostrado mais eficazes na promoção da aprendizagem de língua inglesa em suas aulas?

A repetição de palavras usadas em vocabulários.

04)Quais as principais dificuldades enfrentadas quanto ao ensino de leitura em língua inglesa? O que você faz para superá-las?

A falta de estímulo dos alunos em relação ao aprendizado. Sempre tento motivá-los, mostrando a eles que eles são capazes de aprenderem outra língua se eles se permitirem acreditar neles também.

ANEXO

ANEXO – Termo de Consentimento

Universidade Estadual da Paraíba
Letras-licenciatura em Inglês

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Professor (a):
Meu nome é Louise Guerra Gouveia estou vinculada ao Curso de Letras-Licenciatura em Inglês na Universidade Estadual da Paraíba.

Para sua realização, será necessária a aplicação de questionários. Neste sentido, gostaria de contar com a sua participação. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo antes ou durante seu desenvolvimento, ou desistir de fazer parte dele, poderá entrar em contato comigo pessoalmente ou através do telefone (83) 8650-6441. Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas serão confidenciais e os nomes dos/as participantes não serão utilizados em nenhum momento. As informações coletadas poderão ser utilizadas em publicações como livros, periódicos ou divulgação em eventos científicos.

Atenciosamente

_____

Consentimento Pós-informação
EU _____ FUI ESCLARECIDO (A) SOBRE AS OBERVAÇOES REALIZADAS POR LOUISE GUERRA GOUVEIA E CONCORDO EM PARTICIPAR DA MESMA.
NOME DO PARTICIPANTE:_____